

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003.

---

Mary Rangel

Mirian Teresa de Sá Leitão Martins

Em *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*, Bonnewitz apresenta elementos da sua teoria e ressalta sua importante contribuição à ciência de modo geral, e à sociologia, de modo particular, observando, também, os fatores que influenciaram a sua formação como sociólogo.

O autor inicia, então, pela trajetória de Bourdieu, ressaltando a importância de sua vida pessoal para os seus estudos posteriores. Nessa trajetória, destaca-se a influência da sua origem familiar e a dos acontecimentos sociopolíticos por ele vivenciados.

Bourdieu, que nasceu em 1930 em uma vila da região sudoeste da França, teve uma origem humilde; seu pai era um modesto funcionário público que, por não possuir condições financeiras de custear os estudos de seu filho, teve de pleitear uma bolsa no Liceu Louis-Le-Grand, o que possibilitou, posteriormente, a continuidade de seus estudos no Curso de Filosofia do Collège de France.

No período de 1955 a 1958, Bourdieu foi convocado para lutar na Argélia, então colônia francesa. O contato com aquele contexto sociocultural propiciou o início de seus estudos no campo da Antropologia, que foram decisivos para a consolidação de sua formação como sociólogo.

Ao viver naquele país, Bourdieu realizou um estudo etnográfico na região de Cabila, que possibilitou, em 1972, a publicação da obra *Esquisse d'une théorie de la pratique*.

Dando prosseguimento à análise da importância da vida pessoal de Bourdieu na sua formação acadêmica, Bonnewitz contextualiza os principais acontecimentos, tanto na França como no mundo, que influenciaram a sua construção teórica.

O autor cita relevantes fatos históricos que ocorreram nos anos 50, como a guerra fria e a oposição entre os blocos socialistas e capitalistas e o conseqüente surgimento das reivindicações sociais da década de 60.

Mais adiante, Bonnewitz traz à discussão os dados sobre a prosperidade econômica por que passava a França, fator que influenciou no movimento de redução das desigualdades entre classes sociais. Ressaltam-se, também, as contribuições de pensadores como Husserl, Sartre, Heidegger e Marx. O autor observa que, naquele momento histórico, várias discussões no meio intelectual, subsidiadas pelas críticas de Bourdieu, relativizaram a importância científica do estruturalismo.

Na crítica ao estruturalismo, Bourdieu questiona a explicação dos fenômenos sociais baseadas em estruturas, percebidas como um conjunto de elementos interdependentes, formando um sistema, cuja organização é predeterminada.

De expressiva relevância no entendimento das obras de Bourdieu, Bonnewitz aborda as concepções e os pensadores que o influenciaram. O autor refere-se, então, à influência de Marx, na sua discussão das classes sociais, numa perspectiva crítica ao modo de produção capitalista, assim como seu foco na luta de classes e nos processos de dominação, situando-os na relação, antagônica e hierarquizada, da burguesia com o proletariado.

Embora Bourdieu tenha enfatizado a leitura da ordem social a partir da vertente da dominação, ele e Marx distinguem-se em alguns aportes, a exemplo da consideração a aspectos culturais nos mecanismos de dominação, pouco observados na perspectiva marxista.

Além de Marx, Bonnewitz refere-se a Weber e sua contribuição à análise sociológica, destacando o seu conceito de legitimidade. Para Weber, esse conceito é essencial, pois explica o poder da dominação, que não ocorreria pela força, e sim pela aceitação dos dominados. Essa concepção explica a submissão consentida, já que seus processos são internacionalizados e aceitos, sem questionamentos, pelos oprimidos.

O autor também refere-se à influência de Durkheim no pensamento de Bourdieu, recuperando a idéia da construção da sociologia como ciência, com método e procedimentos específicos e verificação de aspectos da conduta humana, de acordo com determinadas condições sociais.

A diferença fundamental entre o pensamento de Bourdieu e o de Durkheim está no fato de que Bourdieu não considera os critérios do positivismo, por não observarem a importância da historicidade. Bourdieu enfatiza que os fenômenos sociais só podem ser compreendidos em relação ao contexto sociohistórico em que se inscrevem.

Para Bonnewitz, a relevância de vários teóricos que influíram na obra de Bourdieu é a multiplicidade de perspectivas que ampliaram sua abordagem crítica dos fatos sociais. Assim, Bourdieu fundamenta e consolida o objetivo da sociologia, que é o de desvelar, para os agentes sociais, as determinações subjacentes ao seu comportamento. Com suas perspectivas, Bourdieu questiona o senso comum, por estar sustentado por idéias preconcebidas. Bourdieu reafirma, então, a importância de uma abordagem sociológica do contexto sociohistórico do fato social em estudo.

Uma atenção particular é dada às questões metodológicas. Bourdieu mantém uma postura crítica a outras correntes teóricas, opondo-se ao objetivismo positivista, que percebe o mundo social partindo de relações objetivas que “estruturam” os espaços e as ações sociais, assim como questiona o subjetivismo, que prioriza a compreensão das questões subjetivas e individualizadas do comportamento.

Bourdieu preocupa-se com o caráter da cientificidade da sociologia e sua legitimação como ciência, observando também a importância de uma acuidade lingüística, utilizando uma forma de expressão orientada por padrões científicos e criteriosos. Não se pode, também, separar o discurso do contexto sociohistórico no qual é construído. Nesse aspecto, Bourdieu questiona a tão proclamada neutralidade científica.

Na análise sociológica dos agentes sociais, o pesquisador deve observar a localização desses agentes e do próprio pesquisador no *espaço social*. Enfim, um dos objetivos da sociologia é o de descrever a lógica do funcionamento social e desvelar estratégias de dominação, oferecendo subsídios para que os agentes sociais possam lutar contra essas estratégias, que se apresentam naturalizadas e universalizadas.

### **A sociedade e o processo de dominação**

Os estudos bourdieusianos auxiliam a analisar o mundo a partir de relações dialéticas e do modo como essas relações se reproduzem, a partir de práticas de dominação que existem e persistem independentes das consciências ou das vontades individuais.

Bonnewitz relembra que a teoria bourdieusiana possibilita o entendimento dos mecanismos de dominação e a compreensão da lógica das práticas dos sujeitos num ambiente desigual e conflituoso, que é o *espaço social*, topologicamente delimitado, no qual se estabelecem relações entre indivíduos que possuem diferentes níveis de acesso aos bens econômicos e culturais. A hierarquia vertical dos grupos sociais os distingue, portanto, segundo a *estrutura e acúmulo de capital*.

A função dessa ordem hierárquica é a de situar os sujeitos de acordo com sua ocupação e distinguir as diferenças relativas ao seu capital cultural e econômico. No topo da hierarquia está o grupo dominante, por ter um elevado acúmulo de capital e uma identidade própria, cujos interesses são impostos à coletividade. Esse grupo evoluiu da burguesia antiga para uma nova burguesia, composta pelos novos executivos, os “patrões”, os empresários.

Numa posição intermediária estão situados aqueles indivíduos pertencentes à pequena burguesia (assalariados, trabalhadores independentes ou empregados), que almejam a ascensão social. Já no segmento inferior da hierarquia social encontram-se as camadas populares, os operários e assalariados agrícolas.

Essa construção topológica, a partir de uma terminologia referente às categorias socioprofissionais, permite desvelar a especificidade das diferentes camadas sociais e as lutas existentes na sociedade. Para uma melhor compreensão dos processos de dominação, Bonnewitz ressalta a análise bourdieusiana da relação existente entre o *habitus* e o *campo social*.

*Habitus* são disposições cognitivas e avaliativas, ou seja, esquemas de percepção e apreciação do mundo, adquiridos através de experiências significativas. Trata-se de um instrumento conceitual que auxilia a pensar as relações que se estabelecem entre os condicionantes sociais exteriores e a subjetividade dos indivíduos.

*Habitus* influem nas preferências, expectativas, valores, atitudes, comportamentos, inclinações, e se traduzem em modos de agir considerados naturais para o grupo que os incorpora.

Como enfatiza Bonnewitz, o conceito de *habitus* auxilia no entendimento da sociedade e tem significativa importância na sociologia bourdieusiana, como um dos fundamentos para a compreensão da reprodução da ordem e da regulação social.

Quanto à noção de *campo*, pode ser entendida como áreas que compõem a sociedade, enfim, ambientes determinados onde ocorrem as inúmeras relações constitutivas da estrutura social. Essas são relações de força e de luta, travadas entre grupos que ocupam diferentes posições na sociedade.

Ressalta-se, desse modo, que os campos se constituem em microuniversos, onde são geradas as produções culturais; neles estão inseridos agentes e instituições que produzem e reproduzem os saberes. Os campos, sejam eles da medicina, da economia, da política, artísticos, entre outros, têm princípios de regularização próprios e articulam-se entre si, ou seja, a lógica de um campo permeia a de outro.

No espaço social, topologicamente definido, observa-se, usando uma terminologia bourdieusiana, que os indivíduos “jogarão” no sentido de conservarem ou mudarem sua posição: os dos grupos dominantes lutarão para mantê-la e os que estão na posição de dominados, para mudá-la.

### **A dominação simbólica e o papel da escola**

Bonnewitz destaca, nas “primeiras lições” de Bourdieu, o princípio de que é a partir da sociologia da cultura que se pode entender a ascendência simbólica e o papel da instituição escolar na manutenção da cultura dominante, através de sua ação reprodutora.

A adesão aos valores dominantes só é possível pelo fato de a dominação exercer um poder “hipnótico”, que não se dá pela força, mas

sim pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento, construindo-se, assim, um processo de adesão consentida. Compreende-se, dessa forma, o conceito de *violência simbólica*.

A violência simbólica apóia-se nas disposições induzidas pelos processos de dominação, e o dominado não se opõe a essa indução, já que não se percebe como vítima desse processo; ao contrário, considera a situação inevitável. Assim, a dominação se expressa na imposição dissimulada de uma cultura concebida como superior. Esse mecanismo, na concepção bourdieusiana, é entendido como efeitos simbólicos da dominação *aceita* como legítima e natural.

As representações, o conjunto de opiniões e crenças assimiladas e aceitas pelos grupos aos quais se impõem, não são questionadas; ao contrário, são internalizadas e naturalizadas. As instituições, de modo geral, e a escola, de modo particular, constituem-se em agentes de manutenção e reprodução da violência simbólica.

A cultura escolar é uma cultura de classe, que vai ser modelada pela cultura dominante através do processo de legitimação de seus saberes. Há uma seleção das disciplinas que farão parte do currículo escolar. Nessa seleção, o que determina a escolha de uma disciplina e a rejeição de outra são os interesses dos grupos dominantes, ou seja, os saberes que mais se alinham com esses grupos vão ser priorizados na escola.

Outra representação a serviço da dominação cultural é a da existência de um "dom", uma aptidão individual para os estudos. Essa idéia, nascida do senso comum, garante a dissimulação do papel excludente da escola, afirmando a concepção de que cada indivíduo teria habilidades intelectuais que permitiriam o sucesso de sua escolaridade.

A instituição escolar inscrita em uma ideologia política liberal legitima a representação do "dom", ao estar imbuída do seguinte princípio: somente aproveitam as oportunidades que a escola oferece a aqueles que tiverem o verdadeiro "dom" para os estudos.

Nesse pensamento há uma verdadeira transformação das desigualdades sociais em desigualdades de competências, pelo fato de os critérios para o sucesso nos estudos serem percebidos como pessoais. Omite-se, nessa concepção, o fato de que as diferenças são sociais, ou seja, aqueles estudantes que pertencem a grupos dominantes, possuindo um maior capital cultural, terão, conseqüentemente, mais oportunidades de escolarização do que os provenientes dos grupos populares.

O saber das classes dominantes é imposto, sutilmente, na relação entre professores e alunos, influenciada pela aculturação dos segmentos dominados. Essa aculturação manifesta-se, por exemplo, na imposição dissimulada da linguagem culta em detrimento da popular.

Bonnewitz traz, finalmente, a análise crítica de Bourdieu ao movimento de democratização do ensino na França. Esse movimento permitiu melhores níveis de escolarização a muitos franceses, mas não possibilitou sua ascensão social. Uma das razões foi a de que os estudantes obtiveram um diploma de instituições públicas e esse diploma foi pouco valorizado no mundo do trabalho. As desigualdades do acesso ao

ensino foram, então, substituídas pela desigualdade da qualificação das escolas públicas em relação às privadas.

Bonnewitz conclui, então, que uma das mais significativas contribuições de Bourdieu à Sociologia da Educação foi, justamente, a possibilidade de ampliar e aprofundar a compreensão das desigualdades de oportunidades no sistema educacional associada à ideologia perversa do “dom pessoal”, que centra no indivíduo problemas gerados pelas desigualdades sociais.

### **Apreciação conclusiva**

O livro de Bonnewitz retoma conceitos e perspectivas de análise de Bourdieu que requerem uma compreensão sobretudo conceitual. O autor revê o pensamento bourdieusiano com uma linguagem clara e acessível ao leitor.

A formação acadêmica, em diversas áreas do conhecimento, requer a leitura e discussão de Bourdieu. O livro sobre “primeiras lições” auxilia, sem dúvida, alunos e professores a dialogarem sobre as perspectivas de análise crítico-social que Bourdieu oferece, pois, nessas “lições”, essas perspectivas apresentam-se de modo consistente e esclarecedor.

Bonnewitz traz Bourdieu com a simplicidade e profundidade de um pesquisador da sua obra: sua teoria, seus paradigmas, seu enfrentamento das desigualdades sociais, sua denúncia de processos simbólicos de dominação e seus efeitos na discriminação de grupos populares.

A leitura de Bourdieu através de Bonnewitz não descaracteriza nem desconfigura a construção teórica, mas, ao contrário, colabora no sentido de que essa construção se torne acessível aos estudantes.

Assim, as “primeiras lições” poderão estimular o prosseguimento de leituras em obras originais de Bourdieu, pois a clarificação de conceitos, análises, argumentos, constitui-se em estímulo a essas leituras. Essa resenha também é motivada por e para esse estímulo.

---

Mary Rangel, doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com pós-doutorado na área de Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), é professora titular de Didática da Universidade Federal Fluminense (UFF), professora titular da área de ensino-aprendizagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e coordenadora pedagógica dos cursos de graduação do Centro Universitário La Salle de Niterói, RJ.

mrangel@abel.org.br

Mirian Teresa de Sá Leitão Martins é mestranda em Ciências Médicas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na linha de Informação e Educação em Saúde.